

**DEMOCRACIA CORINTHIANA, DIRETAS JÁ E AS HERANÇAS NO TIME
DO POVO**

Uberlândia

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE FILOSOFIA – IFILO

Leonardo Rosa Cunha

**DEMOCRACIA CORINTHIANA, DIRETAS JÁ E AS HERANÇAS NO TIME
DO POVO**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Instituto de Filosofia,
IFILO, da Universidade Federal de
Uberlândia como requisito para a
integralização curricular do curso de
Licenciatura em Filosofia

Orientador: Dr. José Benedito de
Almeida Jr.

Uberlândia, 2024

Resumo

Este estudo teve como objetivo compreender as questões que relacionam o futebol e a política na América Latina, com maior foco no movimento social e político conhecido como Democracia Corinthiana, passando pelo movimento Diretas Já e, por fim, analisando as influências dos movimentos na posterioridade do Sport Club Corinthians Paulista. O objetivo da pesquisa é desmontar o senso comum de que futebol e política não se misturam, mostrando na história momentos em que os conceitos estiveram conectados, para isso, a pesquisa partirá majoritariamente de fontes históricas, para através delas, buscar compreender essa complexa relação entre esporte e política. Como parte das conclusões finais do estudo, foi possível concluir que no mundo todo, mas principalmente na América Latina, o futebol e a política se encontram diretamente conectados, sendo conceitos muitas vezes interdependentes, criando uma relação politizada entre torcedor e clube, e do clube perante a sociedade, como no caso da Democracia Corinthiana.

Palavras-Chaves: Democracia, Futebol, Corinthians.

Sumário

Introdução	5
Capítulo 1: Futebol e política na América Latina, uma relação indissociável.	8
Capítulo 2: Corinthians, Política e a Democracia Corinthiana.	14
2.1 O Sport Club Corinthians Paulista e a relação histórica entre o clube e a política nacional	14
2.2 Democracia Corinthiana: Do início revolucionário ao fim precoce	16
2.3 A Democracia Corinthiana através da ótica dos atletas	23
Capítulo 3: O Movimento Diretas Já e as heranças deixadas ao time do povo	30
3.1 Diretas Já: A emenda Dante de Oliveira e as manifestações populares	30
3.2 As heranças no time do povo	32
Considerações finais	36
Agradecimentos	37
Referências	38

Introdução

A pesquisa em questão tem como objetivo analisar a relação entre futebol e política, para isso, inicialmente será feita uma análise de casos onde futebol e política se misturaram na América Latina, e posteriormente, partiremos para o foco da pesquisa que se trata de analisar o movimento social e político popularmente conhecido como Democracia Corinthiana, sua relação com o movimento Diretas Já e a luta pela democracia no Brasil, e os impactos do movimento no presente do Sport Club Corinthians Paulista.

O desenvolvimento do estudo busca desmontar o senso comum de que futebol e política não se misturam, mostrando que ao longo da história os dois conceitos se encontram diretamente ligados, seja através do uso do esporte para a perpetuação de poder, ou como instrumento de resistência e luta por direitos. A pesquisa tem relevância dentro da área da Filosofia Política pois na modernidade cada vez mais observamos o fortalecimento dessa relação, dando ao futebol um papel central nas discussões políticas, sociais e econômica.

Apesar do tema estar mais propriamente ligado as áreas da história e das ciências sociais, julgo que a filosofia tem papel importante dentro da análise do tema, podendo propor uma visão diferente do habitual, fortalecendo assim uma pluralidade dentro dos estudos de temas referentes a política, podendo compreender partindo de fontes históricas, conceitos ligados a democracia, ao totalitarismo e a resistência política.

Dessa forma, partindo de fontes históricas, monografias, documentários, artigos e biografias, o estudo espera compreender as relações entre futebol e política, analisando

seus efeitos na sociedade e sua influência na construção da política na América Latina, mas principalmente, no Brasil e no Corinthians, compreendendo também como um movimento histórico pode influenciar politicamente a história de um clube, impactando não só durante o seu acontecimento, mas também gerando uma influência em lutas e movimentos políticos posteriores.

Capítulo 1: Futebol e Política na América Latina, uma relação indissociável.

“Em futebol, o pior cego é o que só vê a bola” – Nelson Rodrigues

Capítulo 1: Futebol e política na América Latina, uma relação indissociável.

A relação entre futebol e política se mostra presente em inúmeros momentos na história mundial, mas principalmente na história da América Latina, segundo (GALEANO, 2018): “Poucas coisas ocorrem, na América Latina, que não tenham alguma relação, direta ou indireta, com o futebol. Festa compartilhada ou compartilhado naufrágio, o futebol ocupa um lugar importante na realidade latino-americana, às vezes, o lugar mais importante, ainda que o ignorem os ideólogos que amam a humanidade e desprezam as pessoas.”. Essa afirmação abrange a importância social do futebol como um todo, mas dentro do aspecto político isso não se encontra de forma distinta, em (BELLÉ; NEME, 2022) os autores afirmam que existem dois elementos muito profundos que aproximam os países da América Latina, sendo eles o amor pelo futebol e as cicatrizes da ditadura.

Dessa forma, o trabalho em questão irá se dedicar a analisar alguns pontos dessa forte relação entre esporte e política, fazendo inicialmente uma breve análise de momentos históricos em que o futebol foi utilizado como instrumento político, seja como meio de resistência ou como instrumento opressão. Para isso, iremos analisar os casos da Copa do Mundo de 1978, conhecida como A Copa da Ditadura, o caso do uso político do Colo-Colo pela Ditadura Neoliberal de Pinochet e a história da “La Cancha Infame”, e por fim, trataremos sobre a fundação e o desenvolvimento do Club Deportivo Palestino, clube Chileno que hoje é um exemplo da resistência palestina na América Latina.

A Copa do Mundo de futebol masculino, realizada no ano de 1978, na Argentina, foi utilizada politicamente pela ditadura que permeava no país, buscando seguir os exemplos do nazifascismo e da própria ditadura brasileira, que usou o título da Copa do

Mundo de 1970 como forma de mostrar, através do esporte, um suposto sucesso do regime. O torneio passou por adaptações na comunicação e nos símbolos, para apagar qualquer referência ao antigo presidente Juan Domingo Perón, que havia sofrido o golpe militar tempo antes, visando assim apagar a história recente do país e buscando criar uma realidade de valorização do governo imposto ao povo.

Segundo (BELLÉ; NEME, 2022), o campeonato foi marcado por polêmicas dentro e fora de campo, um dos principais estão relacionados a uma suposta manipulação de resultados que fez com que a seleção Argentina chegasse a final do torneio, na ocasião, a Argentina precisava vencer a seleção do Peru por 4x0, e assim o fez, vencendo pelo placar de 6x0. Entretanto, (BELLÉ; NEME, 2022) relata alguns acontecimentos estranhos no pré-jogo entre as duas seleções:

“No dia do jogo, o ditador Videla, acompanhado do ex-secretário de Estado norte-americano Henry Kissinger, foi ao vestiário da seleção peruana e informou uma doação de trigo argentino para o país, que seria concretizada dias após a partida, como um estímulo velado para que os peruanos cedessem a goleada necessária para a classificação da Argentina. Além dessas polêmicas, Ramon Quiroga, goleiro da seleção peruana nascido na Argentina, foi acusado de aceitar propina para receber os gols, e se esquivou respondendo “Tenho certeza de que alguém ganhou dinheiro “com a goleada.”

Apesar do torneio e dos esforços para passar uma visão pacifista do país, a repressão a qualquer modo de resistência e de oposição ao governo acontecia amplamente, com prisões inclusive próximas aos grandes palcos dos jogos, como o caso dos porões da Esma, conhecido como o maior centro argentino de tortura, e que ficava a menos de mil metros do Monumental de Nuñez. Essa contradição entre a farsa do regime perfeito e as obscuras torturas e perseguições a oposição é característica dos regimes ditatoriais que fazem o uso do esporte para se promoverem, criando uma realidade

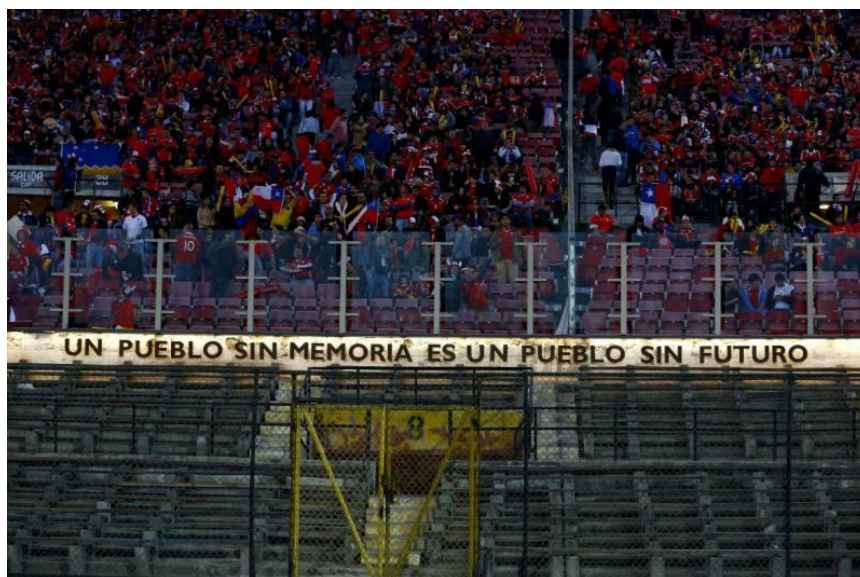
paralela que apela para o amor ao futebol como forma de ofuscar a dura realidade vivida durante a ditadura.

Outro caso da relação entre governos ditatoriais e o futebol na América Latina é o da Ditadura Chilena, liderado por Augusto Pinochet, que fez uma intervenção no Colo-Colo, um dos maiores clubes de massa do Chile. O governo financiou indiretamente o clube, facilitando empréstimos, perdendo dívidas e favorecendo as transmissões em canais de televisão que pertenciam ao Estado, e por isso, torcedores rivais apontam que o título da Libertadores de 1991 conquistado pelo Colo-Colo, só foi possível graças aos benefícios fornecidos pela ditadura.

No documentário “O clube mais usado pela Ditadura Militar?”, produzido pelo Peleja, é mostrado que a relação do Colo-Colo com o ditador não foi algo de comum acordo entre os torcedores e jogadores, como no caso de Carlos Caszely, um dos maiores goleadores do Chile, e que tinha um viés político bem definido desde aquela época. Caszely se recusou a dar a mão ao ditador Pinochet frente a um estádio lotado, e por isso teve sua mãe torturada, e teve que se retirar do país para jogar no futebol europeu, onde todos os seus feitos eram omitidos para que o atleta fosse esquecido.

Durante a ditadura, presos políticos era enviado ao Estádio Nacional do Chile, casa da Universidad de Chile, em um caso que ficou conhecido como “La cancha infame”. Segundo (BELLÉ, NEME, 2022), os presos eram espalhados pelas arquibancadas e cadastrados de forma desleixada, tendo seus documentos confiscados, e o campo, era usado para o fuzilamento dos inimigos políticos do governo. De acordo com o historiador Adam Schech, que esteve preso no estádio nacional, somente no primeiro dia ocorreram o fuzilamento de 400 pessoas, apesar de que em números oficiais, apenas 40 mortes teriam ocorridas ali. O estádio deixou de ser um campo de concentração em 1973, mas até hoje tem em sua estrutura referências aos anos de chumbo, mesmo após passar por

reforma, o portão 8, que era o local em que os familiares buscavam reconhecer os entes queridos, ganhou uma placa com os dizeres “Um povo sem memória é um povo sem futuro”, valorizando a importância da preservação da história e da memória do que foi a ditadura, para que os anos de repressão não voltem e não sejam normalizados.



Reprodução/Internet

Apesar das relações entre futebol e política na América Latina muitas vezes se verem ligadas aos regimes totalitários, como forma de fortalecimento político, é preciso pontuar que o futebol também tem papel de resistência dentro desses sistemas e dentro da geopolítica mundial, como nos casos do Palestino, e da Democracia Corinthiana, que terá um capítulo especialmente para ela mais adiante. O Club Deportivo Palestino foi fundado em Santiago, no Chile, por imigrantes palestinos, como forma de valorizar e preservar a cultura palestina, os primeiros palestinos chegaram ao Chile fugindo da guerra da Criméia em 1885, e desde então a imigração nunca parou, fazendo com que o Chile fosse a maior colônia palestina do mundo, com mais de 300.000 imigrantes (CARMO, 2019).

Segundo o historiador chileno Carlos Medina, os palestinos tiveram a ideia de fundar o clube para se aproximar da comunidade chilena, visto que sofriam certos

preconceitos por questões culturais e religiosas. O clube entrou na liga nacional em 1950, onde permanece até os dias de hoje com participações importantes em campeonatos nacionais e internacionais, como a Copa Libertadores da América. No documentário “Essa história mostra que o futebol é mais que um jogo”, produzido pelo Peleja, torcedores e jogadores do clube explicam um pouco da idolatria pelo clube, que para muitos, representam a seleção palestina, mesmo com milhares de quilômetros de distância do território palestino, o que torna a relação entre os imigrantes e o clube tão especial.

Os três casos tratados nesse capítulo servem como base para entendermos a complexa relação entre futebol e política na América Latina, que pode ir desde o uso de um clube de massas para a manutenção da força política de um governo ditatorial, até a criação de um clube de imigrantes como um meio de manter viva a história de um povo, fazendo com que o futebol seja tudo, mas nunca somente uma bola em campo.

Capítulo 2: Corinthians, Política e a Democracia Corinthiana

“O Corinthians não é um time e uma torcida, é um estado de espírito.” – Dr.

Sócrates

Capítulo 2: Corinthians, Política e a Democracia Corinthiana

2.1 O Sport Club Corinthians Paulista e a relação histórica entre o clube e a política nacional

Antes de analisarmos o que foi o movimento da Democracia Corinthiana e o seu impacto na sociedade e na gestão do Sport Club Corinthians Paulista, é importante analisarmos brevemente a história do clube, do seu surgimento, até o início do movimento em 1982. No dia 1 de setembro de 1910, sob a luz de um lampião, um grupo de operários, formado por Anselmo Corrêa, Antônio Pereira, Carlos Silva, Joaquim Ambrósio e Raphael Perrone, apoiados por mais 8 sócios fundadores, sendo eles Alexandre Magnami, Felipe Aversa Valente, Miguel Sottile, João da Silva, Salvador Lopomo, João Morino, César Nunez e Miguel Bataglia (UNZELTE, 2009, p. 12) fundaram o Sport Club Corinthians Paulista, o clube nasce no Bom Retiro, e tinha como objetivo ser o clube do povo, fazendo uma oposição ao futebol praticado pelas elites, que excluía os menos favorecidos social e economicamente. O primeiro presidente do clube viria a ser Miguel Bataglia, que afirmou “O Corinthians vai ser o time do povo e o povo é quem vai fazer o time”. O clube do bom retiro iniciaria sua história na várzea, mas não conseguiu ser ignorado pela elite paulistana por muito tempo, em 1913 aconteceu a primeira participação em um campeonato paulista, rendendo um quarto lugar, e em 1914 o primeiro título.

Desde o fundamento e da ascensão meteórica, o clube carrega com si um caráter político, vindo para representar os menos favorecidos, para ocupar o espaço do time do povo, e antes de compreendermos o que foi a Democracia Corinthiana, é preciso analisar

e reconhecer que o envolvimento do clube com pautas sociais e políticas antecede o movimento, para isso, separei aqui um recorte de dois momentos históricos em que futebol e política se misturaram na história do Sport Club Corinthians Paulista, sendo esses, a luta antirracista em 1914, que deu origem a tradicional camisa preta com listras brancas, e o jogo vermelho de 1945.

De acordo com o historiador Corinthiano Fernando Wanner, a tradicional camiseta listrada em preto e branco foi usada pela primeira vez no ano de 1914, em jogo amistoso contra a Torino, entretanto, há discussões sobre o primeiro uso da camisa, com uma segunda versão onde aponta a sua estreia em 1915. Apesar da discussão histórica sobre o primeiro uso, uma coisa é fato, a camisa foi criada como forma de protesto contra a Liga Paulista e a Associação Paulista de Football, que impediram o Corinthians de participar dos dois campeonatos daquele ano, fazendo com que o clube se voltasse aos amistosos e aos jogos de várzea novamente. A decisão pelo banimento se deu, segundo a Liga, por diversos motivos, mas todos visavam velar uma realidade que hoje é nítida, o incômodo com um clube que não representava as elites e que foi o primeiro clube da Liga Paulista a ter um atleta negro em seu elenco, o atleta Davi. O protesto do clube paulista surtiu efeito, e o clube voltou a disputar os campeonatos da elite paulistana, e a camisa listrada em preto e branco que segue como o tradicional segundo uniforme até os dias de hoje, permanece para contar a história da luta pelo racismo dentro do futebol brasileiro.

Outro momento na história do clube em que a política e o futebol se tornaram um só, foi no chamado “Jogo Vermelho”, amistoso os rivais Corinthians x Palmeiras, disputado no dia 13 de outubro de 1945, no estádio do Pacaembu, na capital paulista. De acordo com (REBELO, 2010), a partida tinha como objetivo angariar fundos para o Partido Comunista Brasileiro, o PCB, mesmo que de forma cruzada, visto que o dinheiro iria inicialmente para o Movimento Unificador dos Trabalhadores (MUT), que financiaria

as campanhas do PCB. O dinheiro usado nas eleições de 1946 ajudou a eleger Luís Carlos Prestes como senador do Rio de Janeiro, além de levar ao congresso nomes como Jorge Amado e Carlos Marighella, a partida ficou marcada como um acontecimento histórico para o progressismo brasileiro, e mesmo que poucas vezes destacada midiaticamente, é sempre lembrada nos livros que tratam a história do futebol nacional.



Jogadores do Corinthians durante a partida - Domínio Público

2.2 Democracia Corinthiana: Do início revolucionário ao fim precoce

O movimento social e político popularmente conhecido como Democracia Corinthiana, surge em 1982 dentro do Sport Club Corinthians Paulista, após as eleições presidenciais do clube e a eleição de Waldemar Pires para a presidência, o clube alvinegro passa por uma reestruturação e por trocas na diretoria, visando uma renovação interna na equipe. Nesse processo de renovação, chega junto ao novo presidente o diretor de futebol Adilson Monteiro Alves, o novo diretor chega sendo taxado como pouco experiente, e com certa desconfiança por parte da mídia e da torcida, entretanto, essa desconfiança durou pouco tempo, ao menos internamente.

Em uma primeira conversa com os jogadores, Adilson, que era sociólogo de formação, quis tentar entender o lado dos atletas, e é aí que surge a semente do que viria a ser o maior movimento político dentro de um clube de futebol. Essa conversa de apresentação do diretor aos atletas durou horas, Adilson ouviu os pedidos dos atletas, as queixas às mais variadas questões relacionadas ao dia a dia de trabalho dentro do clube. Após essa longa conversa e um consenso de que algo precisava mudar, entra em pauta a ideia que mudaria para sempre a história do clube paulista, democratizar as decisões internas através do voto.

Entretanto, antes de analisarmos o momento que torna o Corinthians o clube da democracia, é preciso entender que nem sempre foi assim, inclusive por muito tempo foi o contrário que se viu dentro dos muros do Parque São Jorge. Antes da entrada de Waldemar Pires, o clube foi comandado pelo presidente Vicente Matheus por aproximadamente 9 anos em mandatos seguidos, a relação de Vicente Matheus com o clube é contraditória, apesar de muitos o considerarem um presidente que fez com que o clube crescesse, os mais de 20 anos somados na presidência deixa transparecer uma visão antidemocrática na direção do clube. Entre 1961 e 1971 o Corinthians teve como presidente Wadih Helu, político filiado ao Arena, partido que deu sustentação política à Ditadura Militar, o que foi motivo de muita insatisfação por parte da torcida, e que influenciou a origem da maior torcida organizada do clube, a Gaviões da Fiel, que surge para combater a ditadura militar e a ditadura presente dentro do Corinthians. Esse contexto de presidentes controversos entre 1961 e 1981, fez com que se criasse uma insatisfação entre os atletas, principalmente entre os mais revolucionários.

Apesar de ainda existir uma certa influência do antigo presidente no clube, com a chegada de Waldemar Pires e Adilson, transformações importantes aconteceram dentro da instituição, a junção de um diretor de futebol com consciência política com um elenco

de atletas politizados, como Sócrates, Wladimir e Casagrande, foi como unir o útil ao agradável, e não demorou muito para que essa união refletisse em um ambiente agradável e democrático, o que era algo revolucionário se analisarmos o contexto geral do movimento, era um clube das massas, o mais falado pela mídia paulista, impondo o exemplo da democracia durante os períodos finais da ditadura militar.

A mudança interna no clube tem seu início no ano de 1982, a partir de então, as decisões internas do clube que antes eram tomadas exclusivamente pelo presidente e pela direção, passaram a ser tomadas por todos aqueles que trabalhavam no clube, através de votações em um modelo de democracia participativa, todos tinham voto de mesmo peso, seja o presidente, o camisa 10 ou o roupeiro do elenco, todos poderiam propor discussões e participar das escolhas através do voto. Essas votações serviram para resolver as mais diversas questões internas do clube, como o lugar de concentração dos atletas, horários que deveriam cumprir e até mesmo a escalação do time. Uma história engraçada que esse novo momento do clube gerou foi a referente ao camisa 9 da equipe, Walter Casagrande, que durante uma pré-temporada no Japão, quis vir embora antes de todos para ver sua namorada, entretanto, os atletas votaram e Casagrande foi voto vencido, tendo que permanecer no Japão junto ao time, essa história pode parecer algo bobo, porém acredito que ela serve para ilustrar como era o ambiente interno no Parque São Jorge e como o elenco se tornou unido e comprometido com a causa.

Após uma campanha ruim em 1981, em que o Corinthians terminou em 8º na classificação geral do campeonato paulista e em 26º de 44 clubes na classificação geral do campeonato brasileiro, o primeiro ano de autogestão conseguiu trazer de volta o bom futebol para o clube do Parque São Jorge. O time comandado pelo italiano Mário Travaglini, era repleto de grandes nomes, como Sócrates, Biro-Biro, Wladimir, Casagrande e Zé Maria, com um grande elenco e uma boa relação interna, o clube chegou

às semifinais do campeonato de 1982, perdendo para o grêmio por 5x2 no placar geral, além de se sagrar campeão paulista daquele mesmo ano em cima do rival São Paulo, com atuação de gala do trio Sócrates, Biro-Biro e Casagrande nas finais. Nos anos seguintes da Democracia Corinthiana os bons resultados permaneceram, o clube foi campeão paulista em 1983 novamente em cima do rival São Paulo, ficou em 4º na classificação geral do campeonato brasileiro de 1984 e foi vice-campeão paulista do mesmo ano.

Apesar dos bons resultados e da genialidade desse elenco, o lema “Ser campeão é detalhe” nos lembra que embora os atletas se empenhassem dentro de campo, eles tinham um objetivo maior em mente, enfrentar a Ditadura Militar brasileira. Esse modelo de Democracia Participativa posto internamente, não era em vão, os atletas queriam ser exemplo e enfrentar o regime militar para colocar fim aos anos de repressão. Como é de se imaginar, essa atitude não agradou os militares, era impossível os jornais não falarem sobre o principal time paulista e o movimento que ocorria internamente, a Democracia Corinthiana se tornou conhecida nacionalmente, e com isso muitos jogadores passaram a ser perseguidos e ameaçados, entretanto, nada disso fez com que o clube desistisse da luta pelo reestabelecimento da democracia no Brasil.



Faixa com o lema “Ganhar ou perder, mas sempre com Democracia”: Reprodução/Corinthians

Em 15 de Novembro de 1982, após 17 anos, os brasileiros iriam às urnas para eleger governadores, senadores e deputados através do voto direto, como forma de incentivar a população a exercer seu direito ao voto, o Corinthians estampou na parte superior traseira da camisa a frase “Dia 15 Vote”, a frase ficou estampada na camisa por 5 jogos, e fez com que esse uniforme se tornasse um dos mais lendários da história do futebol mundial, além disso, o uniforme deu sorte, visto que o clube se sagraria campeão paulista daquele ano. O presidente da época Waldemar Pires foi convidado pelo brigadeiro Jerônimo Bastos para ir ao Rio de Janeiro, e lá, foi informado ao presidente do clube que não seria permitido fazer o uso da camisa para passar mensagens políticas, entretanto, assim como tudo dentro do clube, o pedido foi levado a discussão, e foi votado para que se permanecesse a frase na camisa, desrespeitando a tentativa de censura dos militares.



Uniforme com a propaganda “Dia 15 Vote” usados no Paulista de 1982. Reprodução/Corinthians

Os atletas mais politizados do clube participaram ativamente do movimento das Diretas Já, junto com artistas e políticos da época, jogadores como Casagrande, Sócrates e Wladimir, iam a comícios e discursavam para que fosse aprovada a Emenda

Constitucional Dante de Oliveira, que pedia entre outras coisas, que as eleições presidenciais fossem realizadas por voto direto em novembro de 1984, para compreender melhor o contexto da época e as influências da Democracia Corinthiana no movimento Diretas Já. O movimento Diretas Já foi a maior manifestação pública pelo fim da Ditadura, artistas, atletas e o povo foram para as ruas pedir o fim dos anos de repressão e as eleições diretas, um movimento tão importante assim merece uma enorme atenção, e por isso teremos um tópico específico para tratar sobre as diretas já e a sua ligação com o Corinthians.



Sócrates e Casagrande no Vale do Anhangabaú durante a manifestação pelas diretas já. Reprodução/Corinthians

Pensando o movimento estritamente com sua ligação ao Corinthians, assim como o povo brasileiro, os atletas da democracia corinthiana também sonharam com a redemocratização, e as diretas já era a união de todo um país para tornar realidade aquilo que já se praticava dentro do Sport Club Corinthians Paulista. Apesar de todo o esforço, as Diretas Já não foram aprovadas, em um contexto de medo e repressão, a maioria dos deputados votou contra o movimento ou se abstiveram, e com o fim do movimento e a

postergação das eleições diretas para 1989, veio ao fim também a Democracia Corinthiana.

Sócrates, o principal nome do movimento, havia deixado claro que permaneceria caso fosse aprovado as eleições diretas, como forma de um último apelo do ídolo corinthiano, e com a derrota, o craque trocou o clube paulista pela Fiorentina, da Itália.

“A emenda não passou e eu me senti, além de absolutamente frustrado e chocado, comprometido a ir embora”

- Sócrates

Seguido de Sócrates, Casagrande foi o próximo a deixar o clube, indo para o rival São Paulo, já com o movimento enfraquecido, o então presidente Waldemar Pires, tentou lançar o diretor de futebol Adilson Monteiro Alves para a presidência do clube, entretanto o seu indicado foi derrotado, a derrota de Adilson na disputa pela presidência do clube coloca fim ao movimento da Democracia Corinthiana.

É importante analisar, que apesar do fim do movimento na prática, a Democracia Corinthiana nunca acabou dentro dos corinthianos, o movimento fomentou ainda mais o caráter político e progressista do clube, é possível pensar em vários momentos em que a torcida corinthiana se posicionou contra a opressão, e é inegável que esse posicionamento vem carregado de uma influência do que foi feito por Adilson, Sócrates, Casagrande, Wladimir e todos os expoentes do movimento. Faço aqui um adendo à maior torcida organizada do Brasil, já citada anteriormente, a Gaviões da Fiel, que enfrentou a Ditadura Militar e segue enfrentando os discursos antidemocráticos até hoje.



Faixa “Presidente é quem a gente escolhe” erguida em um jogo durante a ditadura militar.

Reprodução/Internet

Fazendo essa análise com um espaçamento de 41 anos, o movimento da Democracia Corinthiana pensado somente entre 1982 e 1984 é pequeno em relação à tudo que se tornou depois, o movimento mostrou uma nova visão do esporte, onde o que acontece dentro das quatro linhas é apenas detalhe, e tanto clube quanto atletas são referência política e de desalienação da população, sendo exemplo daquilo que queremos, no caso da Democracia Corinthiana, um país livre, menos desigual e, principalmente, Democrático.

2.3 A Democracia Corinthiana através da ótica dos atletas

Pensando em Democracia Corinthiana, a principal reivindicação dos atletas era a de serem ouvidos e respeitados enquanto indivíduos, e não somente enquanto mercadoria, que era o que inevitavelmente os atletas eram transformados devido aos altos valores de seus passes. Dessa forma, separo aqui um tópico específico para mostrar o que foi o movimento pela ótica dos atletas, quais eram suas ideias, seus sonhos e suas frustrações.

Analizando artigos, monografias e matérias da época, é nítido que o movimento causou uma ruptura na política institucional dos clubes e nos valores da época, a grande

questão a ser analisada nesse caso é: Qual contexto levou um clube em crise política e com desempenho mediano a construir um modelo de gestão que viria a revolucionar a história do futebol? Para isso, é preciso ouvir aqueles que fizeram o movimento possível.

O principal nome desse movimento é sem dúvidas Adilson Monteiro Alves, o diretor foi o elo entre jogadores e diretoria, Adilson chegou com pouca bagagem, mas com atributos que fariam dele um grande diretor, como destacou o jogador mais antigo do elenco na época, o lateral Wladimir “desde o início a gente percebia nele a intenção e o respeito que ele tinha de conviver com uma situação que ele nunca havia presenciado, ele foi humilde para caramba de chegar e propor para a gente compartilhar todas as decisões, isso foi perfeito. Essa humildade e abertura para o diálogo foram fundamentais para o sucesso do modelo de gestão participativa implementado no Corinthians.”.

Em documentário exibido na Corinthians Tv, o ex-diretor Adilson pontuou “Não sei como se dirige um time de futebol, eu sei como se dirige um grupo, como se coordena um grupo, como se trabalha com pessoas, isso eu sei bastante. Agora, futebol? Não sei, por dentro, sei tudo por fora, porque joguei e acompanho, mas dirigir, não sei, uma coisa que sei é que não é do jeito que está sendo feito.”, a fala do antigo diretor mostra um ponto que iria vir a ser o centro daquele movimento, o fortalecimento do grupo, criando uma valorização do coletivo e propondo uma gestão que rompe com a ideia de que o atleta é uma engrenagem no sistema, estando ali somente enquanto jogador de futebol, e não como alguém que tem opiniões e ideias próprias.

Outro expoente do movimento foi o jogador Sócrates, que acabou sendo o rosto do movimento, devido a sua notoriedade na mídia, em entrevista ao documentário Ser campeão é detalhe, o jogador diz que “O discurso do futebol, é um discurso, com uma linguagem que atinge o país todo, toda a população no geral”, essa noção da importância do futebol mostra o porquê do atleta buscar levantar políticas dentro e fora de campo. Em

entrevista ao programa “De frente com Gabi”, exibido pelo SBT, Sócrates afirma que sua formação política foi tardia, segundo ele, por ser um “filho da ditadura” e ter crescido e se desenvolvido intelectualmente em um sistema de censura política e intelectual, seu interesse pela política viria apenas na fase adulta, durante o curso de medicina na Universidade de São Paulo. Ao ser questionado pela entrevistadora sobre ele ser o líder e principal responsável do movimento da Democracia Corinthiana, Sócrates afirma que nenhum movimento grande como esse pode surgir de forma individual, entretanto, ele enxerga que teve grande responsabilidade devido sua importância tanto no elenco alvinegro como no cenário nacional do futebol. Mais adiante o atleta continua: “O que eu tinha era o poder, era o único jogador do Corinthians na seleção brasileira, era o mais valorizado, e você abrir mão do poder, você dá um exemplo fantástico, e para criar um movimento igual aquele onde todos nós éramos absolutamente iguais na hora de decidir, onde o auxiliar do roupeiro tinha o mesmo peso de decisão do presidente do clube, esse é o sonho da sociedade perfeita na minha concepção, que todos nós, independente de classe social, tenhamos o direito de decidir sobre o nosso futuro, e foi basicamente o que aconteceu ali.”, Esse trecho serve para ilustrar uma questão muito importante, a Democracia Corinthiana não foi uma coincidência, os jogadores queriam sim resolver uma questão interna em um primeiro momento, mas tinham também formação política, e principalmente humana, para compreender que era preciso lutar por uma sociedade melhor, mesmo que, como no caso de Sócrates, fosse preciso renunciar ao poder gigantesco que lhe era dado enquanto craque do time, e da seleção brasileira.

Wladimir cita essa noção dos atletas da importância nacional do movimento enquanto símbolo de resistência política, em fala ao documentário Democracia Corinthiana, o atleta diz: “A gente entendia que era um dever do povo brasileiro, saber votar e eleger um governante com o voto da maioria, pois até aquele momento era o congresso que elegia

nossos governantes, então a gente entendia que o povo tinha que interferir nesse processo, então a gente começou a participar dos movimentos políticos que estavam acontecendo no país, movimento das diretas a gente participou ativamente”, os atletas entendiam que o fortalecimento da luta pela democracia passava pelo clube, segundo Zenon, “A democracia ficava cada vez mais fortalecida, ainda mais com o povo brasileiro se mobilizando e vindo junto da gente. E outra coisa que pesou muito também foi a torcida do Corinthians, (...) e nós tivemos o apoio deles, da Gaviões, de todas as facções de torcedores do Corinthians”, o atleta cita um outro expoente extremamente importante no que foi o movimento, a Gaviões da Fiel e as torcidas organizadas do Corinthians como um todo, as torcidas faziam da arquibancada um lugar de manifestação, buscando no estádio uma liberdade de expressão que não era encontrada nas ruas.

Uma vez estabelecida a questão interna no clube, passa-se a olhar mais para o cenário político nacional, o elenco protagonizou diversos feitos importantes de enfrentamento ao regime militar e também de valorização ao direito dos cidadãos, um dos feitos que viria a ficar marcado na história foram as mensagens políticas usadas em faixas e nas camisas em dias de jogos, Adilson relata ao documentário “Democracia Corinthiana” um pouco do processo de decisão dessas ações: “Em 1982 aconteceria uma eleição, a ditadura começava a recuar com a pressão da sociedade e decidiu fazer uma eleição para governador dos estados, desde 1964 não se votava e em 1982 iriam se eleger governadores, deputados e vereadores, em 15 de novembro de 1982 teria essa eleição, aí no meio de uma discussão entre política e patrocínio, veio a ideia, anuncie aqui não, naquela reunião saiu a frase, dia 15 vote, nós decidimos escrever dia 15 vote na nossa camisa”. Adilson relata nesse trecho como foi a escolha para a frase na camisa, a publicidade na época não era permitido nas camisas e naquela campeonato havia sido liberado apenas nas finais, por isso partiu da diretoria a ideia de adicionar nas costas da

camisa a palavra “aluga-se” no lugar da propaganda, para atrair empresários interessados, entretanto, com a evolução da discussão tomou-se a decisão de fazer melhor, adicionar uma mensagem política na camisa, fazendo uma afronta ao regime militar e incentivando a população a exercer o seu direito de cidadania que havia sido negado por tantos anos.

Outro atleta muito importante para o desenvolvimento do movimento é Walter Casagrande, o ex-jogador e hoje comentarista esportivo diz em entrevista ao site Meu Timão como foi o processo de decisão para entrarem pela primeira vez carregando a faixa com a frase “Ganhar ou perder, mas sempre com Democracia”: "Aquele faixa foi o seguinte: o jogo era quarta-feira à noite, contra o São Paulo. Na hora do almoço eu vi o Adilson (Monteiro Alves, sociólogo e diretor de futebol na época) lá e falei que a gente precisava fazer alguma coisa naquele dia, até sugeri que fosse uma faixa. Aí veio o Peninha (Luís Fernando), ouviu o papo e falou para colocar a frase 'Ganhar ou perder, mas sempre com Democracia'. Todo mundo gostou, mas não sabíamos se ia dar tempo. Quando cheguei no vestiário, a faixa estava lá.”, mais adiante na mesma entrevista, Casagrande conclui "Eu entrei com orgulho com aquela faixa, eu tô ali segurando a ponta dela, porque eu amo a democracia. São três coisas que não abro mão na minha vida: democracia (a nossa democracia), a minha liberdade e a minha sobriedade. São três coisas que eu não negocio. Então quando eu falo de democracia, quando lembro da Democracia Corinthiana ou vejo um movimento democrático, eu me emociono. Quando vejo esta camisa (da época em que jogou no Corinthians) eu fico emocionado, porque foi uma luta muito forte para a gente conseguir trazer a democracia de volta ao Brasil. E nós vamos conseguir mantê-la, mesmo com ataques, armadilhas, fake news, nós vamos mantê-la porque a verdade toca o coração das pessoas (...) Por isso eu acredito que a democracia vai vencer". A frase de Walter Casagrande mostra o orgulho que ele sente por ter feito

parte desse movimento grandioso na sociedade brasileira, esse orgulho é também compartilhado por outros atletas, que já na época percebiam que algo grande surgia ali no Parque São Jorge, mas que hoje com certo espaçamento temporal conseguimos ver que aquele conjunto de atletas politizados e bem-intencionados criaria o que é conhecido por muitos como o maior movimento político da história do futebol brasileiro.

Para finalizar, acho de suma importância trazer aqui uma frase do saudoso Sócrates, que em entrevista busca resumir o que é o espírito Corinthiano: “O Corinthians é muito mais que um clube de futebol. O Corinthians é uma religião, uma grande nação, mas muito mais que isso, o Corinthians é uma voz. O Corinthians é uma força, uma forma de expressão que a sua população tem. A torcida corinthiana usa o seu clube, o seu time, a sua expressão física como forma de contestação de tudo aquilo que não lhes é dado de direito.” Essa frase é definitivamente uma das mais lembradas pelo torcedor corinthiano quando se fala em Sócrates, e ao meu ver é possível extrair uma questão importante dela além do que é dito, a Democracia não é Corinthiana por um acaso do destino, ela tinha que acontecer no clube do povo, o movimento político une uma história de um povo oprimido e marginalizado com um presente de luta pelo retorno da democracia, dando mais uma vez um exemplo de luta da instituição e do torcedor corinthiano em busca do que lhes é de direito.

Capítulo 3: O Movimento Diretas Já e as heranças deixadas ao time do povo

“Teu passado é uma bandeira. Teu presente, uma lição” – Lauro D’Avila

Capítulo 3: O Movimento Diretas Já e as heranças deixadas ao time do povo

3.1 Diretas Já: A emenda Dante de Oliveira e as manifestações populares

A Emenda Dante de Oliveira foi criada pelo deputado federal Dante de Oliveira (PMDB-MT), ela reivindicava, entre outras coisas, a eleição presidencial através do voto direto e secreto, como podemos ver nos fragmentos retirados da própria emenda:

“Art. 1º - Os artigos. 74 e 148 da Constituição Federal, revogados seus respectivos parágrafos, passarão a vigor com a seguinte redação:

"Art. 74 - O Presidente e Vice-Presidente da República serão eleitos, simultaneamente, entre os brasileiros maiores de trinta e cinco anos e no exercício dos direitos políticos, por sufrágio universal e voto direto e secreto, por um período de cinco anos.

Parágrafo Único - A eleição do Presidente e Vice-Presidente da República realizar-se-á no dia 15 de novembro do ano que anteceder ao término do mandato presidencial."

"Art. 148 - O sufrágio é universal e o voto é direto e secreto; os partidos políticos terão representação proporcional, total ou parcial, na forma que a lei estabelecer."

Devido todo o contexto da política nacional, juntamente com uma enorme dívida externa e inflação que viria a ser maior que 200% no ano de 1983, o projeto teve enorme apoio popular, uma coisa era fato, o povo brasileiro não aguentava mais o regime ditatorial imposto pelos militares. Em meados de maio de 1983, atos favoráveis a medida, começaram a se espalhar pelo Brasil, mostrando mais uma vez que o povo estava insatisfeito, de acordo com uma pesquisa do Ibope feita na época, mais de 80% da população brasileira era favorável à aprovação da emenda.

É nesse contexto em que surge o movimento Diretas Já, manifestantes saíram às ruas em todo o Brasil protestando pelo fim da Ditadura Militar e pela aprovação da emenda que permitiria a eleição através do voto direto, de acordo com registros, mais de

1 milhão de brasileiros foram às ruas na cidade do Rio de Janeiro e mais de 1,7 milhão foram ao Vale do Anhangabaú no centro de São Paulo manifestar suas insatisfações, a manifestação na capital paulista inclusive ficou conhecida como a maior concentração popular já ocorrida no Brasil.

Com comícios em todo o país e propagandas publicitárias em horário nobre, o movimento das Diretas Já foi se espalhando pelo país, os jogadores da Democracia Corinthiana estavam frequentemente em comícios e tornou-se hábito as manifestações políticas irem cada vez mais para dentro dos estádios, como no caso em que uma faixa com os dizeres “Anistia ampla, geral e irrestrita” foi estendida na arquibancada durante um Corinthians x Santos, e a torcida organizada Gaviões da Fiel impediu que a polícia chegasse até a faixa e oprimisse os responsáveis pelo ato. Todo esse contexto fez com que a esperança pelas eleições diretas crescesse, entretanto, era uma tarefa difícil, já que para ser aprovada no congresso, a emenda precisaria de 2/3 dos votos entre os deputados, dessa forma a quantidade mínima de votos favoráveis era de 320, já que havia 479 congressistas.

Na expectativa da votação pelas diretas, foi instalado na Praça da Sé o “Placar das Diretas”, onde era possível ver o placar de intenção de votos dos deputados, a votação então aconteceu após quase um ano do surgimento da proposta, depois de tensas e movimentadas 6 horas de votação, a derrota ocorreu por uma diferença de 22 votos apenas, foram 298 votos a favor, 65 contra, 113 ausências e 3 abstenções, o enorme número de ausências já era de se imaginar, os dias que precediam a votação eram tensos, muitos decidiram se omitir perante a emenda, fazendo com que as eleições acontecessem mais uma vez de forma indireta. O escolhido para assumir a cadeira presidencial e fazer a transição para um governo democrático foi Tancredo Neves, que não assume por falecer antes de sua posse, deixando o cargo para seu vice, José Sarney. Após 4 anos do governo

Sarney, finalmente em 1989 temos a primeira eleição direta para a presidência desde o golpe militar de 1964, elegendo Fernando Collor de Mello para o cargo.

3.2 As heranças no time do povo

Mesmo tendo terminado em 1984, após a derrota das Diretas Já, não é certo afirmar que a Democracia Corinthiana se acabou por completo, o movimento traz de certa forma uma ruptura na história do clube, reforçando o caráter político do Corinthians e refletindo no fortalecimento desse aspecto progressista e de resistência por parte da instituição e de seus torcedores. Para isso, faremos uma breve análise sobre causas sociais e políticas que foram abraçadas e incorporadas como parte da luta do clube após 1984, entre elas: O movimento autistas alvinegros, o futebol feminino e a luta feminista e as manifestações pela Democracia que ocorreram após a tentativa de golpe em 08 de janeiro de 2023.

Nos últimos anos diversos movimentos políticos surgiram nas arquibancadas da Neo Química Arena, um deles recebeu um carinho especial por parte da mídia e da torcida, trata-se do movimento autistas alvinegros, sendo a primeira torcida de autistas do Brasil, que inspirou a criação de outras, fazendo com que hoje quase todos os clubes da primeira divisão tenham os autistas representados e organizados nas arquibancadas. O movimento fundado por Rafael Souza Lopes e Juliana Prado recebeu apoio das torcidas organizadas do clube e do próprio Corinthians, que desenvolveu ações em parceria com o movimento para conscientizar a população e trazer visibilidade ao tema.



Foto: Gustavo Motta / Autistas Alvinegros

Em entrevista ao Estadão, Juliana Prado cita que o intuito da torcida é trazer visibilidade para o autismo, inspirando torcidas de outros clubes a fazerem o mesmo, assim tornando o estádio um ambiente mais acolhedor e inclusivo. A criação da torcida e o crescimento meteórico nas redes sociais e dentro dos estádios mostra como a arquibancada pode ser um local de reivindicação de direitos, de visibilidade dos apagados e de luta por igualdade, mostrando novamente que é possível buscar a transformação social através do esporte.

Outra causa amplamente acatada pela torcida Corinthiana é a do futebol feminino e a luta feminista por direitos iguais dentro do esporte, fazendo com que hoje o futebol feminino seja a modalidade mais bem sucedida dentro do clube em termos de resultado. O futebol feminino em âmbito nacional é uma temática complexa e de ampla discussão, a modalidade chegou a ser proibida no país, o que fez com que atrasos fossem gerados em relação ao futebol praticado por homens (BAGATINI, 2021), e no Corinthians não foi diferente, a modalidade passou por idas e vindas, voltando ao clube em 2016 e dessa

vez para se tornar sucesso internacional, tanto de gestão de atletas como de valorização da modalidade.

Segundo o portal Meu Timão, desde 2016, quando a modalidade foi reativada, o clube venceu 20 troféus, com 5 campeonatos brasileiros e 5 copas Libertadores da América, isso sem contar os torneios vencidos nas categorias de base, com times que vão da categoria Sub-20 até a Sub-13, algo que era inimaginável anos atrás e que ainda está fora da realidade da maior parte dos clubes do futebol brasileiro, que tratam a modalidade apenas como obrigação, desrespeitando a luta das mulheres por direitos dentro do esporte e os sonhos de milhares de jovens. Além da boa gestão do clube no tratamento do futebol feminino, o enorme carinho da torcida pela modalidade fez com que hoje seja normal as mulheres mandarem seus jogos mais importantes no principal estádio do clube, com média de público consideradas altas para o futebol nacional, chegando a levar mais de 44 mil pessoas na última final disputada, quebrando o antigo recorde de público de 42.556 pessoas, que pertencia ao próprio Corinthians Feminino (VILLAS BOAS, 2024).

O respeito da torcida e da diretoria do clube pelo futebol feminino serve de exemplo internacional sobre como se deve gerir a modalidade, quebrando com paradigmas que colocam o futebol feminino como não rentável e de baixo interesse do público, em tempos de baixa produtividade de outras modalidades, é o futebol feminino que vem enchendo estádios e empilhando conquistas, criando uma realidade onde os jovens corinthianos irão crescer tendo como exemplo essas mulheres que lutam diariamente por respeito e inclusão dentro do esporte que escolheram praticar e ter como profissão.

Por fim, trago um movimento que surge das arquibancadas e que está mais ligado a Democracia Corinthiana, que são as manifestações pró-Democracia ocorridas no início de 2023 após a tentativa de golpe do dia 08 de janeiro de 2023. Após a vitória do

presidente Luiz Inácio Lula da Silva, grupos de manifestantes iniciaram protestos antidemocráticos, fechando estradas e pedindo do regime militar, essas manifestações culminaram no atentado de 08 de janeiro onde manifestantes invadiram as sedes dos três poderes vandalizando o local como forma de ataque as instituições em uma tentativa frustrada de golpe.

Em paralelo as manifestações antidemocráticas, grupos pró democracia começaram a se unir ao redor do país para mostrar sua força política e pontuar o óbvio, em diversos protestos, era comum ver os símbolos da Democracia Corinthiana presente, como forma de lembrar o passado do país e a luta do movimento.



Foto: Reprodução/X

Além do uso dos símbolos Corinthianos durante as manifestações, as torcidas organizadas do clube se posicionaram a favor dos manifestantes, com membros presentes nas ruas durante os atos, e com participação no desmanche de manifestações (LOPES, 2022) que fechavam as estradas país a fora, cumprindo o papel do Estado que naquele momento se fazia omissor por muitas formas. As ações realizadas pela torcida, sejam através dos atos pacíficos ou da desobstrução de estradas, mostra como o caráter

democrático está ligado ao torcedor corinthiano, sendo talvez a principal herança e o maior legado deixado pela Democracia Corinthiana, mostrando que mesmo após 40 anos, o movimento se mantém vivo.

Considerações finais

Após analisar os diversos casos de relações entre o futebol e a política, inicialmente tratando sobre casos ocorridos na América Latina, e depois passando para a Democracia Corinthiana, foco principal da pesquisa, podemos concluir que essa relação se vê presente na sociedade hoje, assim como esteve ao longo da história, cumprindo com êxito um dos pontos do estudo, que tinha como objetivo provar essa relação através da análise de variados exemplos. Além disso, os exemplos usados no texto nos mostram que o uso do esporte como ferramenta política tem dois lados, podendo ser usado como forma de perpetuação de governos autoritários, tanto como pode ser aplicado como um instrumento de resistência e de voz daqueles que são historicamente e socialmente silenciados.

Ademais, a pesquisa também traz uma análise do caráter político do Sport Club Corinthians Paulista e de sua torcida, mostrando como ao longo da história o clube buscou lutar ao lado dos oprimidos, construindo uma ideologia que o colocou como “O time do povo”, e que sendo assim, luta diariamente contra as diferentes formas de opressão e de manutenção da desigualdade, seja através de sua torcida, ou através da própria instituição, como foram mencionados em casos pontuais.

Julgo que a pesquisa aqui desenvolvida tem sua importância na discussão do tema, e ajuda a compreender as questões relacionadas a política nacional e latina, criando uma hipótese onde o futebol é visto como um conceito político, não somente como espetáculo.

Espero que o estudo aqui desenvolvido possa contribuir para o desenvolvimento futuro de outras pesquisas, assim como contribuiu para o meu desenvolvimento pessoal e acadêmico.

Agradecimentos

Separo aqui ao fim do texto um momento para agradecer aqueles que fizeram esse trabalho e essa graduação possível, direta ou indiretamente. Agradeço aos técnicos administrativos e docentes do Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia, em especial ao Dr. José Benedito, meu orientador, que me ajudou durante toda a trajetória para que a pesquisa fosse desenvolvida da forma mais leve e produtiva possível, me passando ensinamentos que levarei para sempre. Agradeço também a Prof^a Rafaela Fernanda Palhares, arguidora desse trabalho, por dedicar seu tempo a leitura e avaliação do mesmo, contribuindo para a conclusão da pesquisa.

Agradeço aos meus pais, Adilson e Eliana, e ao meu irmão Edval, por toda a ajuda e paciência comigo durante esse período de graduação, fornecendo todo o suporte necessário para que essa fase fosse cumprida com a maior tranquilidade possível.

Agradeço também aos meus amigos, Yan, Rizziere, Gomes, André, Paulo, Matheus, Maria Clara, Luciano, Marcelo, Duda, Maria, Júlia e Lucas, por todo o apoio durante a graduação e durante a escrita desse trabalho, com certeza cada um teve sua contribuição para tornar esse processo o mais agradável possível.

Por fim, agradeço ao meu avô Edval e novamente ao meu pai Adilson por terem me passado o amor pelo Corinthians, e aos amigos de arquibancada que o Corinthians me deu. Vai Corinthians!

Referências

ACCORSI, Bruno, and Ricardo Maggati. “**Autistas Ocupam Estádios, Ganham Visibilidade E Lutam Por Inclusão No Futebol.**” *Estadão*, 2022, www.estadao.com.br/esportes/futebol/autistas-ocupam-estadios-ganham-visibilidade-e-lutam-por-inclusao-no-futebol/. Accessed 31 Oct. 2024.

BAGATINI, Olga. **Proibição de jogar, há 80 anos, atrasou a história das mulheres no futebol.** 18 abr, 2021. Disponível em: <https://exame.com/bussola/proibicao-de-jogar-ha-80-anos-marcou-historia-das-mulheres-no-futebol/>. Acesso em: 30 de Outubro de 2024.

BELLÉ; NEME. **Condor F.C.: o uso político do futebol nas ditaduras da América Latina.** De Letra, 2022.

CARMO, Marcia. **Por qué Chile tiene la mayor colonia palestina fuera del mundo árabe.** BBC News Mundo, 26 maio 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/mundo>. Acesso em: 10 abr. 2024.

CASTILHO, R. **Uma história do Corinthians Preto!** Disponível em: https://www.meutimao.com.br/coluna/rafael_castilho/2770/uma-historia-do-corinthians-preto/. Acesso em: 29 out. 2024.

Democracia Corinthiana. [s.d]. Disponível em: https://www.meutimao.com.br/historia-do-corinthians/fatosmarcantes/democracia_corinthiana. Acesso em: 10 abril. 2024

DEMOCRACIA CORINTHIANA. Documentário. [S. l.: s. n.], 3 maio 2018. 1 vídeo (51:12 min). Publicado pelo canal Corinthians TV no Youtube. Disponível em: . Acesso em: 10 abril. 2024.

Democracia Corinthiana: o movimento que ajudou a construir o Brasil democrático. 4 out. 2014. Disponível em: . Acesso em: 10 abril. 2024.

DOMINGOS, Rafael Vieira. **Além da exclusão: o futebol paulista e o Sport Club Corinthians Paulista (1910-1912)**. Humanidades em diálogo, São Paulo, Brasil, v. 9, n. 1, p. 187–198, 2019. DOI:11606/issn.1982-7547.hd.2019.154283. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/humanidades/article/view/154283..> Acesso em: 15 set. 2024. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-7547.hd.2019.154283>

FARIAS, G. **O esporte como ferramenta de contestação e mobilização social e política: A Democracia Corinthiana (1981-1985) e o apoio ao movimento popular “Diretas Já”**. 2019. 88f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Resende, Rio de Janeiro.

FLORENZANO, J. **A democracia corinthiana: práticas de liberdade no futebol brasileiro**. São Paulo: EDUC, 2003.

GALEANO, E. **Fechado por motivo de futebol**. Porto Alegre: L&PM, 2018.

LOPES, Carolina Figueiredo. **“Gaviões Da Fiel Desfaz Bloqueios de Apoiadores de Bolsonaro Em Viagem Para Jogo Do Corinthians.”** CNN Brasil, 22 Nov. 2022, www.cnnbrasil.com.br/nacional/gavioes-da-fiel-desfaz-bloqueios-de-apoiadores-de-bolsonaro-em-viagem-para-jogo-do-corinthians/.

MARTINS, Mariana e REIS, Heloisa. **“Diálogos Críticos sobre a Democracia Corinthiana como Movimento Social”**. V Congresso Internacional de Ciências do Esporte. Brasília. 2013

MARTINS, Mariana. REIS, Heloisa. **“Cidadania e direitos dos jogadores de futebol na Democracia Corinthiana”**, Rev Bras Educ Fís Esporte, São Paulo, jul – set 2014. <https://doi.org/10.1590/1807-55092014000300429>

MONTANO, Mario Sanches, 2021. **“Democracia Corinthiana: Um movimento atemporal”**

NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. **Resistência e Rendição - A Gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o futebol oficial em São Paulo - 1910-1916**, São Paulo: PUCSP, 1992, dissertação de mestrado.

**O CLUBE MAIS USADO PELA DITADURA MILITAR? | Todos Querem Colo-
Colo** [Minidocumentário. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=C_jjn9EJCnQ>. Acesso em: 8 dez. 2022.

**PELEJA. ESSA HISTÓRIA PROVA QUE FUTEBOL É MAIS QUE UM JOGO |
“Um Povo nas Costas” - #PELEJADOCS | Palestino.** Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=OO0JzaoXXG0>>. Acesso em: 30 out. 2024.

REBELO, Aldo. 2010. **Palmeiras x Corinthians 1945: o jogo vermelho**. São Paulo: Editora UNESP. 119 p.

SANTOS, L. **Futebol empresa e a democracia corinthiana: uma administração que deu *dribling* na crise. 1990**. 169 f. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

UNZELTE, C. D. **Timão 100 anos: 100 jogos, 100 ídolos**. São Paulo: Gutenberg, 2009.

VILLAS BOAS, Cláudio . **“Corinthians Hexacampeão: Final Do Brasileirão Feminino é Recorde de Público.”** *Sport Club Corinthians Paulista*, 2024, www.corinthians.com.br/noticias/corinthians-hexacampeao-final-do-brasileirao-feminino-e-recorde-de-publico. Accessed 31 Oct. 2024.

“Títulos Do Corinthians Feminino.” *Meu Timão*, 22 Oct. 2024, www.meutimao.com.br/titulos-do-corinthians-feminino. Accessed 31 Oct. 2024.

